SERRA-PILAR

1 outubro 2017 | ano 43 | Tempo Comum 26 | 2030

O **DIA INTERNACIONAL DO IDOSO** comemora-se anualmente a 1 de outubro. Este dia foi instituído em 1991, pela Organização das Nações Unidas (ONU), com o objetivo de sensibilizar a sociedade para as questões do envelhecimento e a necessidade de proteger e cuidar da população mais idosa.

envelhecer

NINGUÉM QUER MORRER NOVO, MAS TAMBÉM NINGUÉM QUER ENVELHECER. Não parece ser um dilema de fácil solução, a não ser que todas as ciências, e o principal de todos os saberes, que é a sabedoria espiritual ou o saber viver a fundo, se juntem para nos ensinarem a arte de viver, a arte de envelhecer e a arte de morrer. De que nos servirão os nossos teres, poderes e saberes, se não soubermos viver. E que valor terão para nós os benefícios da juventude, se não aprendermos a envelhecer e não aceitarmos a morte?

Mas, não seria preferível não termos de envelhecer nem morrer? E se fosse possível evitar uma coisa e outra? Não se trata duma pergunta supérflua. Ouvi, há uns dias, dizer a um cientista francês, perito nestes assuntos, que **já nasceram seres humanos que poderão vir a viver duzentos anos.** E que ao ritmo atual, antes de 2050, duplicará a percentagem dos habitantes do planeta com mais de sessenta anos. E é de supor que as novas tecnologias ainda não ensaiadas, ou porventura nem sequer imaginadas, poderão ir retardando, indefinidamente, a temida morte (por que será assim tão temida "a nossa irmã a morte corporal", como dizia Francisco de Assis, à qual ele deu as boas vindas ao quarenta e quatro anos de idade?).

Não é absurdo pensar que há de chegar o dia, e não estará muito longe, em que a **nossa espécie *Sapiens* alcançará o estado de uma certa a-mortalidade.** Assusto-me só de o pensar nisso. Assusto-me, porque só alguns irão beneficiar desta a-mortalidade – os mais ricos, como sempre, à custa dos mais pobres -, e também por temer que a a-mortalidade traga consigo mais males que bens para os que a possuírem. Neste momento, prefiro morrer a prolongar esta vida indefinidamente. E prefiro envelhecer antes que a humana morte cubra todo o meu alento vital com o Alento Vital. E quero poder escolher esse momento com a maior liberdade e, quando ele chegar, ser dono do meu sopro de vida, para o poder dar, por fim, inteiramente. Para isso quero envelhecer.

Mas, o que é envelhecer? Do ponto de vista biológico, envelhecer significa a acumulação de danos moleculares e celulares ao longo do tempo. Os órgãos ficam cansados, as pernas entorpecidas, a memória mais fraca, a mente mais débil. Não é essa a velhice que pretendo, embora ela pareça, hoje em dia, inevitável. Espero que um dia

possamos evitar toda esta deterioração, e assim o desejo, sempre e quando – salvaguarda crucial – tal se não realize à custa da igualdade de todos os seres humanos, e da harmonia de todos os viventes.

Não me basta viver muitos anos, se os não viver humanamente. Não me basta evitar a velhice enquanto deterioração biológica, se não consigo alcançar a sabedoria espiritual, a sabedoria da vida profunda. Mão me basta manter-me jovem de corpo, se não consigo chegar a ser sábio de espírito.

Ora, muitas tradições há que identificam a velhice, **enquanto idade avançada,** (acompanhada de muitas perdas) com essa sabedoria da vida. Quero reivindicar essa aceção do termo velhice, contra o frívolo e unilateral enaltecer da juventude, a glorificação da saúde e da forma física, a exaltação das faculdades corporais e mentais, a voga do *reishi* (o cogumelo do tempo), a busca do elixir da eterna juventude em farmácias, parafarmácias, herbanários, drogarias, grandes superfícies comerciais, páginas web e compras online. É verdade que a sabedoria não depende do número de anos, mas é mais fácil encontrá-la nos velhos do que nos jovens, sem com isto me esteja a incluir no grupo dos sábios.

Uma das condições da sabedoria é saber envelhecer. Isto é: saber que há um tempo para nascer e um tempo para morrer, um tempo para tentar e um tempo para desistir, um tempo para falar e um tempo para calar, um tempo para crescer e um tempo para diminuir, um tempo para liderar e um tempo para se deixar conduzir.

Envelhecer é descobrir que tudo valeu a pena, apesar de tudo, e que aceitar tudo, aceitando-se totalmente, é a única forma de tudo transformar. Envelhecer é reconhecer que a bondade é a única coisa que valeu e valerá sempre a pena. E atingir, finalmente, a paz consigo próprio e com tudo.

Envelhecer é darmo-nos totalmente, até morrer, até nascer, até o nosso ser descansar, verdadeiramente, na Plenitude do que É.

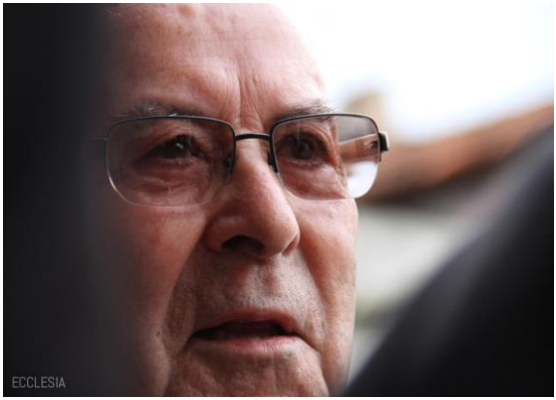
José Arregi

http://blogs.periodistadigital.com/jose-arregi.php/2017/05/15/p400091#more400091

dies natalis **(24 setembro 2017)**

D. MANUEL MANUEL DA SILVA MARTINS (1927-2017)

"Bispo vermelho"



Aquela entrevista, nos idos anos 80, teria impacto na ainda pueril carreira do jornalista que ousava dedicar-se a um tema editorialmente difícil. "A Igreja tem de ser a voz dos sem voz". Ali estava uma âncora de frescura. Uma oportunidade de trazer a vivência eclesial, com todas as suas contradições e tensões, para a rama da informação. Pela voz de um homem de pequena envergadura, sorridente, que apoiava as palavras com o movimento das mãos dando-lhes a consistência de uma presença. Quando, na sua pronúncia do norte, o bispo Manuel Martins falava das "injustiças" e da "dignidade da pessoa humana", soava a poesia prática e assertiva.

Discípulo do pensamento de António Ferreira Gomes, e tal como Hélder Câmara, Manuel Martins dava o corpo e a alma à coerência evangélica. Com coragem, com frontalidades que lhe valiam inimigos e dissabores, mas com o respeito de todos. Sobretudo dos que se reviam naquele bispo combativo, dos mais pobres e humildes, dos desempregados, dos que não conseguiam chegar aos frios guichés da burocracia e da caridade, dos que na península de Setúbal trabalhavam sem receber salário. As periferias, de que agora tanto se fala, eram o espaço pastoral e social do bispo Manuel Martins.

Chegou à então recém-criada diocese de Setúbal em 1975. Moldou a ação à época pós-revolucionária. Quando a cintura industrial cedeu na península e as fracturas sociais alastraram, não hesitou em tomar partido pelas pessoas. Com a força da denúncia ou com a ação discreta e empenhada, no terreno, fazia pontes. Recebia trabalhadores e sindicalistas, batia à porta de políticos e empresários, andava pelas ruas da cidade ao encontro dos que das ruas da cidade faziam casa, sem teto, por imposição do desemprego ou apanhados depois nas redes da droga. A Cáritas de Setúbal, instituição solidária da Igreja, transformar-se-ia num refúgio para muitas

destas pessoas. Também com o incentivo de Manuel Martins, havia em Setúbal uma tradição de padres operários. Nas fábricas, ombro a ombro, incentivavam os trabalhadores a reivindicar a dignidade. Alguns optaram pela política partidária e pelo movimento sindical, outro território de ação que o bispo acabaria por compreender.

São conhecidas as altercações com os poderes políticos. Martins denunciou a fome na península quando parecia que Lisboa não queria falar de tão incómodo assunto. Mário Soares e Cavaco Silva terão ficado muitas vezes com as orelhas vermelhas. Mais tarde, Soares diria em público que aqueles gritos de alerta do bispo de Setúbal lhe tinham feito bem.

Manuel Martins entendia que "a Igreja devia ser de esquerda e não de direita" (TSF, 26 março 2017). A expressão tem um contexto e deriva de uma visão própria sobre os critérios definidores do espectro político. Mas é esclarecedora quanto à forma como Manuel Martins posicionava a acção fundada no evangelho para a intervenção política e social. A Igreja "tem medo" (SIC, 22 fevereiro 2014), dizia, "e mudou o Credo, que passou a ser 'creio na Santa Igreja, católica, apostólica e... adormecida'", criticava.

Era um homem por vezes difícil de localizar, mas afável e disponível. Numa fria madrugada de novembro de 1991, recebeu no Paço a chamada de uma rádio a solicitar um comentário sobre a situação em Dili. Não só se disponibilizou, como esteve uma boa meia hora à conversa com o jornalista antes de entrar na emissão. Timor-Leste seria desde a primeira hora outra das suas causas visíveis, numa altura em que, pela tradição da prudência ou por desconhecimento, a diplomacia da Santa Sé e o clero em Portugal ainda hesitavam no alinhamento dos discursos. Chegou a fazer circular uma carta dirigida aos bispos europeus para que se unissem por Timor. Casalori repreendeu-o e proibiu-o de prosseguir com a ação.

Há uma vida de histórias reveladoras da personalidade. Quando chegou a Setúbal, foi, discreto e sem se identificar, assistir a um culto numa igreja protestante local. As cortes locais dos partidos mais à direita chegaram a recusar ir a missas presididas pelo "bispo vermelho". E que dirá aquela mulher que inadvertidamente deitou as chaves de casa no lixo e viu o bispo mergulhar no contentor para a ajudar a encontrá-las?

A morte é a mais previsível das contingências humanas. Morte física, porque a outra fica ao abrigo da fé e das interpretações filosóficas ou religiosas. Se pela condição da idade, estaríamos à espera da partida de Manuel Martins, já a morte recente de António Francisco dos Santos apanhou a Igreja e o país de surpresa. Manuel Martins sofreu muito com a morte precoce do bispo do Porto.

Não fomos a tempo de os juntar à mesa do café para registar a revisão sintonizada de memórias e leituras deste tempo de perplexidades. Devem estar juntos noutra dimensão, a limpar as arestas da Igreja e do mundo. Ou a usar o sentido de humor que os caracterizava - por vezes cáustico e incisivo na voz de Manuel Martins - para medir as acusações de heresia feitas ao Papa Francisco por um grupo de católicos integristas...

Joaquim Franco. Jornalista

http://sicnoticias.sapo.pt/opiniao/2017-09-25-Bispo-vermelho

quem quer a verdade tem de entrar na água

Há uma tendência muito perigosa de aceitar tudo o que se diz, tudo o que se lê, de aceitar sem colocar em discussão. E, ao contrário, só quem está pronto a pôr em discussão, a pensar autonomamente, encontrará a verdade. Para conhecer as correntes do rio, quem quer a verdade tem de entrar na água. **(Nisargadatta Maharaj)**

AS RECENTES CALAMIDADES, que nos têm tão duramente atingido nos últimos meses, deixaram, nas pessoas e na nossa sociedade em geral, compreensivas marcas de tristeza, raiva e desânimo, que vêm somar-se ao desconforto de nos sabermos fazendo parte de uma mudança radical em curso no plano tecnológico, antropológico e geo-estratégico, de contornos indefinidos, com consequências imprevisíveis e, aparentemente, fora da nossa capacidade de agir no imediato.

Refiro-me às perdas em vidas humanas, animais e bens materiais irrecuperáveis, devido ao fogo que, durante todo o verão, lavrou em boa parte do território nacional. Tão pouco podemos esquecer que a própria natureza sai ferida por causa destas calamidades: espécies animais e vegetais dizimadas, paisagens que ficarão enegrecidas por muito tempo, antes que a sua regeneração possa acontecer, fumos que se espalharam e contaminaram o ar e a água, espaços habitacionais que ficaram em ruínas…

Lembro também a tragédia ocorrida na Madeira por queda de uma árvore de grande porte e as mortes ocorridas em pleno dia que amanhecera para ser de celebração e festa.

Mais recentemente fomos surpreendidos por um brutal atentado terrorista de grandes dimensões, perpetrado no País vizinho e ficamos a saber que actos de violência análogos estavam em preparação para serem levados a cabo em distintos locais.

Às vítimas deixo uma palavra de solidariedade e compaixão, que brota da minha convicção profunda de que nós, os humanos, somos seres de relação e cada pessoa é, na sua singularidade, parte indissociável de um Nós (os outros humanos, as demais criaturas, o cosmos).

A quantos se empenharam em prestar socorro e minimizar os estragos dirijo o meu reconhecimento e louvor. A sua generosidade e empenho em bem servir a comunidade merecem ser lembrados e enaltecidos como testemunho de vida dada ao serviço da Vida.

E agora?

Diante da evidência da tragédia, ergue-se, por via de regra, a montanha dos porquês e não é, pois, de admirar que assim suceda quando regressamos aos nossos quotidianos.

Por que há fogos intencionalmente provocados por mão humana? Com que móbeis? Com que interesses? Com que consequências para os prevaricadores directos e indirectos? Que medidas para os evitar? Que recursos para os combater?

Por que cai uma árvore de grande porte sem que um raio ou um vendaval a tenha derrubado? Por que foi aquela árvore e não outras de porte e longevidade análogos? Por que não foi prevista e evitada esta ocorrência? Por que se juntam multidões em espaços inseguros?

Por que sucedem estes actos de violência e terror dirigidos a pessoas indefesas?

Por uma via ou outra, a resposta a estes porquês remete-nos, não só mas também, para a necessidade de nos interrogarmos acerca do nosso modo de viver, no plano pessoal e colectivo e, mais profundamente, do sentido que damos à nossa própria vida.

Se há calamidades que temos de atribuir a causas naturais (o cosmos tem suas leis e o planeta Terra não é excepção!), a maior parte das vezes as calamidades resultam, directa ou indirectamente, dos próprios humanos, do sentido que damos à vida, do modo como nos relacionamos com os nossos semelhantes e demais criaturas, do modo como produzimos, consumismos e acumulamos, dos modelos como nos organizamos em sociedade e das opções que vamos fazendo, dos valores que cultivamos e transmitimos às gerações futuras.

Para enfrentar estes porquês, aponto três pistas de reflexão que partilho com quem segue, com a sua leitura, estes escritos mensais, na expectativa de que estas sugestões sirvam para alimentar a salutar prática da conversa que visa a conversão e a mudança.

• Precisamos de cair na conta que deixamos crescer demasiadamente a árvore do individualismo, da solidão, do descaso e da irresponsabilidade e que estes sentimentos abrigam o número dos que, tendo perdido laços com uma família e comunidade, porque não têm afecto, nem emprego, nem reconhecimento, se deixam dominar por adições várias e são presa fácil dos seus distúrbios e de quem deles se aproveita para levar por diante os seus maus intentos, a troco de umas tantas moedas.

• Temos de dar mais atenção aos critérios com que devem ser utilizados os solos e às leis que os regem, à responsabilidade dos seus proprietários pela sua correcta conservação e exploração, às regras de implantação das habitações e seus aglomerados, sua acessibilidade e segurança, à manutenção das estradas principais, incluindo a indispensável limpeza das respectivas bermas, aos recursos humanos, financeiros e de organização que governos e autarquias devem investir na prevenção das causas e na superação das consequências deste tipo de ocorrências, aos programas de educação das novas gerações e à qualidade das nossas escolas como lugares de inclusão, ao combate severo da criminalidade, à promoção do emprego e da inserção social, à qualidade da cultura geral difundida pelos media, ao desenvolvimento de atitudes e comportamentos cívicos e de solidariedade por parte da generalidade da população.

• É imperioso que olhemos atentamente para o sentido de vida que cultivamos e imprimimos nas nossas instituições, nas empresas, nos partidos políticos ou nos clubes, admitir que crescimento e competitividade não significam o mesmo que bem-estar e qualidade de vida, que o consumismo não traz plenitude, que o stress conduz a excessos vários e a dependências múltiplas com os seus correspondentes malefícios, que a ambição do mais ter conflitua com a aspiração profunda da alma humana a mais ser, que o egoísmo exclui e mata a raiz da comunhão, que o materialismo prático abafa a beleza e a alegria da contemplação e faz germinar o vazio no coração humano.

Diante das tragédias que nos assolaram, não devemos passar indiferentes ou resignar-nos a uma pretensa fatalidade. Também não basta que nos indignemos ou critiquemos a inoperância e a irresponsabilidade dos outros. Tão pouco podemos limitar-nos a expressar solidariedade e prestar ajuda pontual, por mais valiosas que estas atitudes sejam. Importa ir mais além, não deixando morrer a oportunidade de reflectir sobre o sucedido e ousar retirar as devidas conclusões para um agir consequente. Isto é com todos, governantes, autarcas, líderes políticos, intelectuais e cidadãos em geral.

A concluir, deixo a pergunta: Estamos disponíveis para procurar e aceitar a verdade e para mudar o que tem de ser corrigido? Aceitamos que ***para conhecer as correntes do rio, quem quer a verdade tem de entrar na água*****?**

Manuela Silva. Economista

Imagem: Paper Boat - Diana Yang. 2017

http://www.fundacao-betania.org/betania/index.php/ct-menu-item-5/311-edm-09-2017

D. Manuel Martins, o bispo vermelho

Ainda não tinha chegado cá!

"(Os bispos) ensinem quanto, segundo a doutrina da Igreja, vale a pessoa humana, com a sua liberdade e a própria vida corpórea: a família e a sua unidade e estabilidade, a procriação e a educação dos filhos; a sociedade civil, com as suas leis e profissões; o trabalho e o descanso, as artes e as técnicas, e pobreza e a riqueza" (*Christus Dominus*, 12).

"Cabe a todo o Povo de Deus, precedido pela palavra dos Bispos, aliviar, quanto for possível, as misérias deste tempo, como era o antigo uso da Igreja, não somente com o supérfluo, mas também com o necessário" (*Gaudium et Spes*, 88).

Ainda — praticamente — não tinham chegado cá estes assuntos do Concílio Vaticano II. Dava-se qualquer coisa a um pobre mas não se ia às causas.

D. Manuel ficará na História social e religiosa portuguesa: "muitos estão quase inteiramente privados da possibilidade de agir por própria iniciativa e responsabilidade, e vivem e trabalham em condições indignas da pessoa humana" (*Gaudium et Spes*, 63).

Natural de Leça do Balio, já bispo de Setúbal, D. Manuel Martins interessou-se muito pela *Etiópia aqui ao lado*, não sei se conhecem! Por isso, gostava imenso das nossas Folhas dominicais que agradecia muitas vezes: **"Aprecio a lucidez, rara, dos textos ali publicados e o impulso de quem os seleciona e publica".** No domingo do nº 1.500 — 1 Abril 2007 — veio à Serra do Pilar inaugurar uma Exposição da Folha e presidir à Eucaristia. Um encanto!

Ainda em Julho passado nos escreveu assim: **"agradeço o bem que me têm feito através de reflexões e outras ajudas".**

Custe o que custe a muitos, foi ele que, em 1995, veio a S. Martinho do Campo (Valongo) presidir, pelo seu pé, ao funeral do Padre Gaspar. Na homilia disse assim: **"O Pe Gaspar foi um padre incómodo. Eu costumo dizer que um padre, um bispo, que não é incómodo, que deixe de ser padre, que deixe de ser bispo".** Ele não deixou.

Arlindo de Magalhães, Presbítero
2017.09.25